VISÃO HISTÓRICA DE LOURENÇO FILHO SÔBRE A PSICOLOGIA NO BRASIL

A psicologia no Brasil *

LOURENÇO FILHO

1. Visão preliminar. 2. A contribuição de trabalhadores da medicina. 3. A contribuição de educadores. 4. A contribuição de engenheiros e administradores. 5. A contribuição de sacerdotes e líderes católicos. 6. A contribuição de especialistas estrangeiros. 7. Evolução do ensino da psicologia. 8. Órgãos de pesquisa, publicações e associações especializadas. 9. Conclusão.

1. Visão preliminar

Para a organização científica da psicologia que, a bem dizer, data de um século, fatos de duas ordens têm concorrido: a integração de conhecimentos obtidos em vários campos, notadamente nos de estudos biológicos e sociais; e os ensaios de aplicação, dia a dia multiplicados sob pressão dos problemas de desajustamento, em nossa época grandemente agravados. Aquela integração tem permitido descrição menos lacunosa do comportamento humano e infra-humano, fundamentando teorias mais amplas e coerentes; por sua vez, a extensão das aplicações vem sôbre elas exercendo ação de crítica pragmática, sempre valiosa. Ao sabor dêsse duplo movimento, de natureza conceitual e cunho prático, tendências de estudo as mais diversas, senão até divergentes, têm surgido. Os resultados gerais aparecem,

* In: *Ciências sociais no Brasil*. Edições Melhoramentos. Obra publicada sob os auspícios da Instituição Larragoite, por iniciativa do Dr. Leonídio Ribeiro e sob a orientação do Prof. Fernando de Azevedo.

porém, com valor positivo, pois que, ano a ano, a psicologia objetiva mais precisamente define seu objeto e seus métodos.

Tais conclusões, que são as dos especialistas em permanente contato com a documentação colhida nos mais diversos pontos, encontram abono no exame da origem e evolução dos estudos psicológicos em determinado país, mesmo nos de mais recente organização do pensamento científico, como é o caso do Brasil. Bastará para isso que se adotem convenientes critérios de descrição, ou, em têrmos mais explícitos, que se indague, quanto à fase inicial, da posição dos problemas psicológicos, com feição objetiva, onde quer que êles tenham surgido; exigir, nessa fase, que os ensaios da nascente disciplina tivessem sido produzidos por trabalhadores nela já titulados, seria um contra-senso. Quanto às aplicações, torna-se necessário considerá-las em conjunto, levando em conta não só as que desde logo tenham apresentado rigorosa fundamentação científica, como as demais, que ainda a busquem em tôda a inteireza.

Foram êsses, aliás, os critérios seguidos pelos dois estudos até agora publicados sôbre a evolução da psicologia no país: a incisiva notícia sôbre o desenvolvimento da psicologia experimental, traçada, em 1944, por Plínio Olinto (17), e o mais extenso e elaborado ensaio que Anita Cabral divulgou, em 1950 (8); a êles, igualmente, parecem atender vários estudos sôbre a história da psiquiatria e seu ensino, quando ao desenvolvimento da psicologia normal e patológica façam expressa referência (7, 9, 19).

À vista de indicações contidas nesses trabalhos, das que pudemos obter em obras gerais e monográficas, bem como das informações de especialistas em diversos ramos,[1] fácil será demonstrar que os estudos de caráter objetivo, na psicologia brasileira, tiveram início no campo da medicina, ou, mais exatamente, nos da psiquiatria, neuriatria e medicina social. Igualmente, ver-se-á que foi neste último que os esforços dos médicos vieram a ligar-se aos de educadores, os quais à matéria dariam depois contribuição específica muito substancial. Não será difícil ademais evidenciar que, em face dessas primeiras realizações de cunho essencialmente analítico, (como de rigor na fase de difusão das primeiras técnicas de psicologia experimental), freqüentemente se levantaram ponderações e críticas, mais ou menos fundadas, de parte de pensadores sociais, em sua maioria, sacerdotes e juristas; é que a atenção dêles, preferentemente voltada para os aspectos de síntese, devia buscar esclarecimento para as graves questões de responsabilidade moral e penal.

Por via da criminologia, da psiquiatria forense, ou mais amplamente, da psicologia judiciária, tôdas cultivadas na medicina legal, passaram os

[1] Pelos valiosos subsídios de estudo, que lhe forneceram, o autor exprime sincero reconhecimento aos eminentes Professôres Maurício de Medeiros, Nilton Campos, Adauto Botelho e Frei Damião Berge, da Universidade do Brasil; Anita Cabral e Noemi Rudolfer, da Universidade de São Paulo; Helena Antipoff, da Universidade de Minas Gerais; Isaías Alves e Alice Costa, da Universidade da Bahia; Sílvio Rabelo, da Universidade do Recife; Enzo Azzi, da Pontifícia Universidade de São Paulo; Padre Henrique de Lima Vaz, da Faculdade de Filosofia do Colégio Máximo Anchieta, de Nova Friburgo; Plínio Olinto, da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; e J. B. Damasco Pena, do Colégio Rio Branco, de São Paulo.

juristas a receber influência de teorias biológicas, especialmente nos últimos 50 anos: por outro lado, desde essa época, viriam os médicos a considerar a importância de certas condições da vida social nos problemas da psicopatologia, primeiramente pelo movimento de higiene mental, de que o Brasil foi, aliás, país precursor (9).

Os elementos que deveriam facilitar a aproximação entre médicos e educadores para estudos de proveito comum, viriam, inegàvelmente, dessa difusão de princípios da higiene mental e a prática de instrumentos simplificados de diagnóstico, como os testes mentais; o elemento que mais parece ter solidarizado a ação de médicos e juristas foi a propagação, a princípio, das idéias da escola penal italiana; depois, as de diversas teorias psicanalíticas; por fim, as da psicologia clínica.

Será preciso não esquecer, porém, que à falta de centros de indagação geral e de crítica científico-filosófica, como as universidades, só há pouco devidamente organizadas, tais esforços preliminares deviam ter caráter disperso e fragmentário. Sôbre obstar a formação regular de cultores da psicologia, essa lacuna por muito tempo também concorreu para isolar os diversos grupos de trabalhos, se não até para nêles criar certa atitude de recíproca hostilidade. Como se pode ver dos títulos e epígrafes de muitos ensaios, na fase a que poderíamos chamar *heróica,* a preocupação polêmica preponderou sôbre a de ordem nìtidamente científica (14).

Tôda transformação nos modos de conhecer retrata inquietação de ordem filosófica geral, e essa, muito marcada, existia entre os homens cultos do Brasil, como entre os de todos os países do Ocidente, na última metade do século passado, quanto à significação e os rumos de novos estudos científicos sôbre a natureza humana. Tal inquietação pode ser claramente percebida nos primeiros autores que, entre nós, buscaram fundamentação psicológica para as suas doutrinas filosóficas, pois, como muito bem observa Anita Cabral (8), êles freqüentemente o fizeram recorrendo a fontes das mais diversas, se não mesmo contraditórias. [2]

Isso explica que, ao propor-se em 1897 a instalação do primeiro laboratório de psicologia experimental, no Rio de Janeiro, a iniciativa fôsse vivamente combatida; na palavra de um dos opositores da idéia, "seria ridículo pretender levar as faculdades da alma à análise de aparelhos". Explica também que, ainda em 1912, Farias Brito sentenciasse a falência dos estudos da psicologia empírica (32), ao mesmo tempo que Almáquio Dinis, em posição igualmente radical, pretendesse que a psicologia nada mais devesse representar que extensão da fisiologia (37).

[2] Seriam como Morais Vale, autor de um compêndio de filosofia editado em 1851, adeptos do empirismo eclético; ou, como Ferreira França, que pouco depois publicava *Investigações psicológicas,* convictos expositores de Condillac, embora admitissem ao mesmo tempo o espiritualismo de Maine de Biran; ou, como Gonçalves Magalhães, responsável por duas obras de fôlego, *Fatos de espirito humano,* de 1858, e *A alma e o cérebro,* editada 20 anos depois, suficientemente dialéticos para juntar, numa só página, idéias de Berkeley, Cousin e Malebranche; ou, então, como Soriano de Souza, autor de difundido *Compêndio de filosofia,* dado à luz em 1876, e Figueira Sabóia, que escreveu *A vida psíquica do homem,* já neste século publicado, partidários de doutrinas escolásticas; ou, enfim, como Luís Pereira Barreto e Guedes Cabral, segundo se vê de seus escritos entre 1870 e 1880, positivistas convictos ou materialistas radicais.

A fase de confusa mistura entre problemas de ordem metafísica e de natureza científica parece agora encerrada, e, para a consolidação dêsses novos rumos operam, com êxito, alguns centros universitários. Antes, porém, que tais centros passassem a assim atuar, outras condições haviam surgido no país para que maior aproximação se viesse a dar entre diversos grupos de cultores da psicologia objetiva; provieram, especialmente, dos esforços no sentido da renovação escolar e da racionalização do trabalho. Educadores, por um lado, e por outro, administradores (sobretudo engenheiros), interessados nos problemas de formação de pessoal para as indústrias e sua conveniente seleção, muito ràpidamente, entre si, e com especialistas médicos, estabeleceram liames de entendimento e colaboração.

Mas, para que a isso se pudesse chegar, seria necessário que etapas preliminares fôssem vencidas, já por ação reflexa das conquistas da psicologia objetiva em mais adiantados países, veiculadas através do ensino de brasileiros que tivessem ido estudar no estrangeiro, ou através de cursos de especialistas estrangeiros no país, ou ainda de obras de grande valor, traduzidas para a língua nacional; certo é, porém, que o trabalho de autodidatas, por vêzes, em largos círculos, exerceram influência considerável e de inegável valor construtivo ainda nessa fase (8, 17).

Já no início dêste século médicos brasileiros realizavam estágios em serviços de psiquiatras dotados de laboratórios de psicologia, na Europa, ou aí recebiam cursos especializados; em 1905, inicia-se a publicação de um periódico de estudos de psiquiatria, neurologia e "ciências afins" (7, 9, 19); dois anos depois, cria-se uma associação para o impulsionamento dêsses estudos, ao mesmo tempo que se instala um laboratório de psicologia experimental no Hospital Nacional de Alienados, o segundo a ser organizado (17). Não tarda muito, especialistas estrangeiros são convidados a vir ao Brasil a fim de instalar laboratórios de psicologia aplicada à educação (São Paulo, 1914), à psiquiatria (Rio de Janeiro, 1922), à organização do trabalho (São Paulo, 1929) (40, 69). A partir de 1930, uma dezena de educadores passam a receber cursos de especialização em universidades norte-americanas, ao mesmo tempo que novos especialistas são contratados para diversas escolas brasileiras. Pela mesma época, estabelecem-se cursos de aperfeiçoamento para mestres primários (Belo Horizonte, 1929); cursos em nível superior (São Paulo, 1931, e Rio de Janeiro, 1932); e, por fim, os de psicologia geral e aplicada, em faculdades de filosofia (São Paulo, 1934; Rio de Janeiro, 1939, e em outras muitas capitais, a seguir).

Ainda antes disso, tentaram-se ensaios de orientação e seleção profissional (São Paulo, 1926), e apareceram as primeiras associações e revistas especializadas no campo da psicanálise (São Paulo, 1927). Surgiriam logo após os primeiros serviços oficiais de psicologia aplicada (São Paulo, 1931) e o primeiro instituto federal destinado à pesquisa pura (Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1932). Expande-se, mais recentemente, o ensino da psicologia em diversos cursos superiores (medicina, administração, sociologia e política, enfermagem, serviço social); surgem agremiações de cunho nacional, filiadas a organizações internacionais; publicam-se

revistas especializadas; criam-se institutos de aplicação com alto cunho técnico (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Bahia, Belo Horizonte, Pôrto Alegre). Em 1952, o Conselho Nacional de Pesquisas vinha a distribuir a primeira bôlsa para investigações no campo da psicologia, assim reconhecendo a importância dêsse domínio de estudos. A Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências, por sua vez, passou a incluir temas de psicologia em suas reuniões anuais. Professôres das faculdades de filosofia, reunidos em São Paulo, em 1953, acordaram em solicitar a criação de uma "seção especializada de psicologia", nesses estabelecimentos.

2. A Contribuição de Trabalhadores da Medicina

Pela precedência histórica e vulto das obras, em todo êsse movimento, a contribuição de trabalhadores da medicina ocupa o primeiro lugar.

É, de fato, sob a forma de teses de doutoramento, oferecidas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e à Faculdade da Bahia, que os estudos pioneiros aparecem. Já em 1836, à primeira dessas escolas, Manuel Inácio de Figueiredo Jaime apresentava a memória *Paixões e afetos da alma;* escrita em confuso estilo, associa vagas noções de biologia a preocupações de ordem metafísica. Sete anos depois, de modo quase similar, José Augusto César de Menezes defendia *Proposições a respeito da inteligência.* Quase 50 anos, porém, seriam necessários para que o tratamento viesse a mudar; outra é a linguagem, com efeito, em *Psicofisiologia da percepção e das representações,* tese de José Estelita Tapajós, e em *Das emoções,* de Veríssimo Dias de Castro, ambas defendidas, no Rio de Janeiro, em 1890. No ano seguinte, Manuel Pereira de Melo Morais, e, em 1892, Adolfo Porchat de Assis, aí insistem no tema *Das emoções,* com maior base de observação. Dois anos depois, Alberto Seabra apresenta *A memória e a personalidade,* em que já se torna manifesta a preocupação de integrar noções da biologia às do comportamento social.

Êsse trabalho parece indicar nova era de estudos. Se, nos 60 anos anteriores, apenas sete teses são apresentadas no Rio de Janeiro sôbre matéria psicológica pura,[3] quase igual número é apresentado nos seis anos que completam o século. Entre essas, em 1900, divulga-se a tese de Henrique Roxo, (1877) *Duração dos atos psíquicos elementares,* fundamentada em abundante documentação experimental, colhida com o psicômetro de *Buccola,* e na qual a psicologia é apontada como ciência fundamental da propedêutica psiquiátrica. É êsse, sem dúvida, o primeiro grande trabalho de psicologia experimental publicado no país, ou a primeira investigação de ordem pròpriamente científica (17).

[3] Citam-se acima apenas os trabalhos que hajam versado temas de psicologia geral, postos assim de parte os de psiquiatria, pròpriamente dita. De 1836 a 1900, foram êles 21, dos quais seis sôbre histeria, cinco sôbre afasia, e dez sôbre temas diversos. Nessas teses, o mesmo progresso de cunho objetivo se observa, bastando comparar a êsse respeito, a matéria constante de cinco teses sôbre afasia, tôdas apresentadas entre 1887 e 1891. A última, *Estudo psicoclínico da afasia,* de Odilon Goulart, evidencia sensível progresso no tratamento científico da matéria.

De 1901 a 1931, ano em que se deixou de exigir a apresentação obrigatória da tese para doutoramento, 22 teses em assuntos de psicologia são apresentadas à Faculdade do Rio de Janeiro, seis das quais com problemas de ordem geral, não obrigatòriamente ligados à psiquiatria. Aí há a destacar o trabalho de Maurício Campos Medeiros, (1885) *Métodos em psicologia,* que é de 1907, e o de Plínio Olinto, (1886) *Associação de Idéias,* datada de 1911; entre aquelas, há a mencionar a tese de Genserico Aragão de Sousa Pinto (1888), sob o título *Da psicanálise: a sexualidade nas neuroses,* defendida em 1914, e que foi o primeiro trabalho a versar as idéias de Freud, não só no Brasil, mas, em língua portuguêsa.

Na Faculdade de Medicina da Bahia, entre o ano de 1840, em que aparece o primeiro trabalho com referência à psiquiatria, e o de 1900, que assinala a tese de Roxo, nada menos de 42 teses se defenderam, com questões de psicologia. A primeira a denotar mais sensível preocupação objetiva é a de Francisco Tavares da Cunha, defendida em 1851 sob o título *Psicofisiologia acêrca do homem.* Treze anos depois, ou em 1864, Ernesto Carneiro Ribeiro, (1839-1920), mais tarde tão conhecido como filólogo, apresentava o trabalho *Relações da medicina com as ciências filosóficas: legitimidade da psicologia,* epígrafe que bem denuncia a defesa prévia que os nascentes estudos ainda reclamavam. É de salientar, por outro lado, que nada menos de três monografias, insistiram em 1853, 1857 e 1888, no tema *Da influência da civilização no movimento das doenças mentais,* com o que seus autores se antecipavam às preocupações da higiene mental.

Mas, enquanto na Faculdade do Rio de Janeiro, a maioria dos trabalhos versavam temas de neuropsiquiatria e, logo, os de psicofisiologia e neurologia pura, na Faculdade da Bahia mais larga atenção se dava aos de criminologia, psiquiatria forense, higiene mental e aspectos de psicologia social e pedagógica. Entre as primeiras, cumpre destacar a de Júlio Afrânio Peixoto sob o título *Epilepsia e crime,* datada de 1897, e que alcançou repercussão dentro e fora do país.

A diversidade das tendências parece explicar o florescimento ulterior das duas grandes escolas, que tanto honram a um e a outro dêsses centros de preparação médica, e que tiveram como precursores João Carlos Teixeira Brandão (1854-1922) e Raimundo Nina Rodrigues, (1862-1906), respectivamente. A escola neurológica do Rio de Janeiro daria os grandes trabalhos de Antônio Austregésilo (1876) e seus discípulos F. Esposel, Teixeira Mendes, O. Gallotti, Costa Rodrigues, Austregésilo Filho, o casal Borges-Fortes, Alfredo Monteiro, Deolindo do Couto, Pernambuco Filho, e outros (16). A escola da Bahia, atraída pelos problemas de medicina social, apresentaria Juliano Moreira (1873-1933), Afrânio Peixoto (1876-1947), Oscar Freire de Carvalho, Flamínio Fávero, Diógenes Sampaio, Leonídio Ribeiro, Arthur Ramos, Estêvão Lima.

Nina Rodrigues havia ensaiado a caracterização psicológico-social do elemento afro-americano, cabendo-lhe assim, no dizer de Alcântara Machado, "a dignidade inconteste de criador dessa província da etnografia e etnologia brasileiras" (15). Oscar Freire que, mais tarde, passaria a ensinar medicina legal em São Paulo, investiga capítulos da psicologia fo-

rense, como já o havia feito Afrânio Peixoto, e, mais tarde, o faria Artur Ramos.

As duas tendências vêm a fundir-se, porém, de uma parte com a transferência para o Rio de Janeiro de Juliano e Afrânio, ambos na direção do Hospício Nacional, e, de outra, com entrelaçamento da neuriatria e da psiquiatria, segundo as lições de psicopatologia francesa (7,9). Praticando e ensinando a neurologia, como substituto de Teixeira Brandão (pois a cátedra especializada só em 1912 viria a surgir), Henrique Roxo desdobrava a seus discípulos os horizontes da pesquisa psicológica; por outro lado, Austregésilo, sôbre aprofundar a investigação neurológica, devia realizar extensa obra de psicoterapia (25).

Nesse cenário de fecundos estudos, vem a ocupar, então, lugar de preeminência Maurício de Medeiros. Sua tese sôbre *Métodos na psicologia*, já entre êles incluía "a observação através da lingüística e da crítica literária", com o que se antecipava à análise social e "projetiva" da personalidade, hoje tão em voga (55). A atração pelos estudos do ramo havia-o levado a trabalhar, em Paris, sob a direção de Georges Dumas, (1866-1942), no Laboratório do Hospital de Santana. Com o mestre francês ideou e fêz construir um dinamógrafo original, que lhe valeu o título de membro estrangeiro da Societé Française de Psycologie. É de crer que, pela primeira vez, um brasileiro recebesse lições de psicologia experimental no estrangeiro e merecesse aquela distinção.

Pouco depois, designado por Juliano, Maurício instala e chefia por vários anos o Laboratório de Psicologia Experimental da Clínica Psiquiátrica, no Hospício Nacional; e sempre fiel a suas idéias, quase 40 anos mais tarde, caber-lhe-ia propor à Universidade do Brasil como exigência curricular para a clínica psiquiátrica o estudo da psicologia normal; continuaria também a publicar numerosos trabalhos de psicologia, de que o mais recente é de 1952 (56).

Ainda no Rio de Janeiro, a contribuição de trabalhadores da medicina logo passava a desenvolver-se em novos centros de pesquisas próprias à psicologia, ou de biologia, mas com aquelas estreitamente relacionadas. O primeiro centro a citar é o laboratório de fisiologia, mantido pelos irmãos Osório de Almeida, Álvaro, Miguel e Branca. Especializando-se em fisiologia nervosa e psicofisiologia, Miguel Osório (1890-1954) aí iniciava investigações hoje universalmente conhecidas: demonstrou a existência de excitação transversal dos nervos; esclareceu questões relativas à cronaxia; criou um índice original de fadiga; pôs em evidência novos fatos sôbre reflexos em geral e reflexos cutâneos e tendinosos; revelou a existência de um tono não só para a manutenção da atividade geral do sistema nervoso como para a atividade própria de cada centro (16).

Será preciso indicar, a seguir, os trabalhos da Liga Brasileira de Higiene Mental. Criada em 1922, por Gustavo Riedel, logo reuniu numerosos discípulos de Juliano e Roxo; veio a manter um laboratório, primeiramente dirigido pelo jovem especialista francês Alfred Fessard (1900) e, a seguir, por Plínio Olinto e Brasília Leme Lopes; organizou um Seminário Brasileiro de Psicologia, com reuniões semanais de estudo,

e as Jornadas Brasileiras de Psicologia, de convocação anual; tem editado regularmente uma revista de cunho técnico. A Liga tem agora a presidi-la Henrique Roxo, professor emérito da Universidade do Brasil, e sua direção congrega psiquiatras e psicologistas como Adauto Botelho, Pedro Pernambuco Filho, Plínio Olinto, Heitor Carrilho, Raul Bittencourt, Neves Manta e Júlio Paternostro. A evolução da psicologia científica, no Brasil, nestes últimos 40 anos, tem-se refletido nos trabalhos dessa organização. [4]

Outro centro de intensa atividade surgia em 1923, ainda ligado ao estudo de doentes mentais: o Laboratório de Psicologia do Hospital de Engenho de Dentro, que aí funcionou de 1923 até 1932, quando então se transformou em Instituto de Psicologia, do Ministério da Educação. A iniciativa, que ainda uma vez partia de Gustavo Riedel, tornava-se possível graças a uma doação de Guilherme Guinle para a aquisição das instalações. Dispondo de farto material, fornecido pelas firmas Boulitte, de Paris, e Zimmermann, de Leipzig, êsse laboratório, sob a chefia do especialista polonês Waclaw Radecki (1887-1953) para isso contratado, congregou uma dezena de psiquiatras da nova geração: Nilton Campos, Gustavo Resende, Osvaldo Guimarães, Bulhões Pedreira e Flávio Dias, a que depois se juntaram estudiosos de outra formação, como Edgard Sanches e Eurílalo Canabrava, bacharéis em direito, e Lucília Tavares, educadora. Extensas pesquisas aí foram feitas, muitas das quais estão publicadas (69). Também aí se deu, em 1928, a reparação de um grupo de médicos, entre os quais Ubirajara Rocha, Arauld Bretas e Alberto Moore, encarregados de instalar o serviço de seleção psicossomática dos candidatos ao exercício da aviação militar. [5]

Contemporâneamente, tomavam desenvolvimento na capital no país os estudos de psicanálise, de que Júlio Pôrto Carrero (1887-1937), foi o mais ativo propagador, havendo publicado extensa obra em 1928. Certo é, porém, que o movimento psicanalítico teve desenvolvimento precedente em São Paulo, estimulado por Francisco Franco da Rocha, (1864-1933), desde dez anos antes.

Franco da Rocha que reformara o tratamento de doentes mentais no Estado, criando o Hospital do Juqueri, em 1898, aí reuniu valioso núcleo de estudiosos e pesquisadores. Em 1904, publicou uma obra sôbre psiquiatria forense; criada a Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1913, passou a ocupar a cátedra de clínica psiquiátrica e neuriátrica, até 1923, nela sendo substituído por um discípulo, Enjolras Vampré (1885-1938. Na direção do hospital sucede-lhe outro discípulo, A. C. Pacheco e Silva (1898). Ambos, como Ferraz Alvim, Tomé de Alvarenga e Marcon-

[4] A influência dos trabalhos da Liga Brasileira de Higiene Mental tem sido, a um tempo, de ordem científica e prático-social, por estudos, divulgação de conhecimentos e ação de ambulatórios. Entre suas iniciativas figura a da "existência obrigatória de gabinetes de psicologia junto a clínicas abertas de psiquiatria", acolhida em instruções do Ministério de Educação e Saúde, em 1932.

[5] Após a retirada de Radecki, em 1932, o laboratório teve a chefia sucessivamente, de Carneiro Airosa, Nilton Campos e Jaime Grabois. Incorporado, em 1937, à Universidade do Brasil, continua florescente, em cursos e pesquisas, com Nilton Campos, de nôvo em sua direção, e Antônio Gomes Pena e Eliézer Schneider, como assistentes.

des Vieira continuam-lhe a obra fundamental; grupo mais jovem, com Durval Marcondes, Osório César e outros, ao mesmo tempo desenvolvem os estudos de psicanálise. [6]

Na direção do Juqueri, Pacheco e Silva (59), além de clínicas e laboratórios especializados, instala uma escola para menores anormais e o Manicômio Judiciário, onde problemas de psicologia patológica passam a merecer detida análise; ao lado de Vampré, criador da escola neurológica paulista, desenvolve uma escola comparável à de Austregésilo, que tem dado cultores de histologia e fisiologia nervosa, como Moacir Amorim (1899), que aperfeiçoou estudos na Alemanha, e Jaime Pereira, que realizou estudos de homoestasis, com Cannon, nos Estados Unidos; essa escola prossegue com novos pesquisadores, entre os quais Aníbal Silveira, a um tempo psicofisiologista e técnico em provas de personalidade (8).

Por outro lado, o papel que, no Rio de Janeiro, teve a Liga de Higiene Mental, foi em São Paulo representado pelo Instituto de Higiene, onde, desde 1926, Geraldo Paula Sousa (1882-1952) constituiu um grupo de estudos de psicologia aplicada, com os médicos A. Almeida Júnior (1892), Benjamim Ribeiro, Pedro de Alcântara, alguns educadores e engenheiros; êsses estudos se refletiram na Sociedade Paulista de Biologia e no Serviço de Inspeção Médico-Escolar. Neste último, organizou-se uma pequena escola de deficientes mentais e, mais tarde (1938), a primeira clínica de orientação infantil, chefiada por Durval Marcondes. Ainda em São Paulo, desenvolveram-se os estudos de psicologia judiciária e psiquiatria forense, por desdobramento dos de medicina legal, especialmente, com Oscar Freire, Flamínio Fávero (1895), Pacheco e Silva e Almeida Júnior.

No Recife, o psiquiatra Ulisses Pernambuco (1892-1943) estabelece, em 1925, o Instituto de Seleção e Orientação Profissional de Pernambuco, que logo realiza extensas investigações sôbre nível mental e aptidões, com o emprêgo de testes (27), aos quais associa vários educadores; transformado em Instituto de Psicologia, êsse núcleo ativamente prosseguiu em seu trabalho por mais de dez anos (4).

No Rio de Janeiro, em 1936, Leonídio Ribeiro cria o Laboratório de Biologia Infantil, com o fim de analisar as causas físicas e mentais de criminalidade juvenil e, ao mesmo tempo, apurar as técnicas do tratamento de menores delinqüentes (18). Em Belo Horizonte, Washington

[6] Desde 1918, Franco da Rocha vinha expondo em seus cursos, na Faculdade de Medicina, as teorias de Freud. Foi, assim, o primeiro a ensinar *ex-cathedra* a psicanálise no país. No ano seguinte, publicava um opúsculo *A doutrina de Freud*, que na bibliografia brasileira se registra como o terceiro, pois o primeiro foi a tese de Sousa Pinto (1914) e o segundo, uma conferência de Medeiros e Albuquerque, que se encontra no livro *Graves e fúteis*. Em 1927, Franco da Rocha, Raul Briquet, Durval Marcondes, A. Almeida Júnior, Getúlio Moura Santos e o autor dêste estudo fundavam a Sociedade Brasileira de Psicanálise, de duração efêmera, mas que chegou a realizar cursos e publicar alguns números de uma revista. É de observar que o *Manual de psiquiatria* de Henrique Roxo, editado em 1921 (Rio de Janeiro, Liv. Alves, 712 p.), já apresenta extenso capítulo sôbre psicanálise.

Pires desenvolve estudos de neurologia, e, em Maceió, Rocha Filho publica trabalhos de higiene mental. Em Pôrto Alegre, mais recentemente, Décio de Sousa realiza trabalhos experimentais, após estudos de psicologia geral, que fêz, nos Estados Unidos; também aí é estimulada a teoria e a prática da psicanálise, principalmente com Mário Martins e Brito Velho (8).

Nôvo surto da psicanálise tem tomado corpo, nos últimos anos, no Rio de Janeiro, quer na forma ortodoxa, quer na modalidade da *"néo-análise"*, de Fromm e Karen Horney, como se pode ver de recentes trabalhos de Iraci Doyle (38), e do especialista alemão Werner Kemper (44): igualmente em São Paulo, o movimento neopsicanalista se organiza com o psiquiatra Paulo Lentino (8).

É de salientar, aliás, que os dois primeiros trabalhos de exposição geral da psicologia social, no país, são também devidos a dois médicos, Raul Briquet (1887-1953) (31), e Artur Ramos (1903-1949) (63); e, também, que os estudos iniciais de crítica metodológica são de autoria de especialistas de formação médica, Nilton Campos (1898), sem dúvida, por devoção integral à psicologia, quem maior número de campos da disciplina tem versado no país, desde a psicologia fisiológica até a psicologia social (34, 69).

3. A Contribuição de Educadores

À contribuição de trabalhadores da medicina logo se junta, pela importância, a de educadores.

A psicologia dominante no ensino brasileiro, por mais de três séculos, foi a da tradição dos primeiros mestres jesuítas; depois, a das "lições de coisas", de que se fêz paladino Rui Barbosa, em seus pareceres sôbre o ensino. A medida das idéias reinantes, até os fins do império, pode ser fàcilmente verificada nesses trabalhos de Rui, no volume de conferências e memórias presentes à reunião de pedagogos, realizada no Rio de Janeiro, em 1883, por ocasião da Exposição Pedagógica (10), e no compêndio de Felisberto de Carvalho, editado poucos anos depois (36).

Até 1900, não constava a psicologia como disciplina especial em nossas escolas normais, como aliás não constava nas da maioria dos países. A modificação dos programas do Ginásio Nacional, em 1890, com substituição da disciplina *filosofia* pela de *psicologia e lógica,* na reforma de Benjamim Constant parece ter animado a maioria dessas escolas, nos 20 anos seguintes, a desdobrar o programa de pedagogia em duas partes, de que a primeira era consagrada a noções de psicologia. Parece certo também que os primeiros institutos a adotarem tal esquema foram a Escola Normal da capital de São Paulo e a do Distrito Federal; todavia, o ambiente não lhe era propício, tanto que, nesta última, a psicologia tornar-se-ia matéria de estudo facultativo, por vários anos.

Não obstante, no Rio de Janeiro deveria surgir a primeira tentativa de renovação experimental, com a instalação de um laboratório de psicologia pedagógica, na instituição que se chamou o *Pedagogium.* Criada em 1890, teve ela, até 1897, a forma de museu pedagógico. Nesse ano,

nomeado diretor de instrução pública, no Distrito Federal, José Joaquim Medeiros e Albuquerque (1867-1933) tratou de imprimir-lhe caráter de centro de cultura superior aberto ao público. Embora não fôsse médico, Medeiros e Albuquerque sempre se mostrou apaixonado pelas questões de medicina e, em particular, as de psicoterapia, através das quais veio a dedicar-se à psicologia. Foi o primeiro a divulgar, entre nós, a teoria periférica das emoções, de William James e Lang; dos primeiros a escrever sôbre psicanálise e o primeiro também a publicar um livro sôbre testes (53); editou um volume sôbre hipnotismo, cujos fundamentos estudou sèriamente, e em cujas técnicas se tornou consumado (54); produziu vários estudos sôbre questões gerais de psicologia, acolhidos no *Journal de Psychologie Normale et Patologique,* de Paris e citados em tratados sôbre a matéria.

No Padagogium fêz Medeiros realizar um curso de conferências sôbre fisiologia do sistema nervoso, entregue a Antônio Austregésilo, então recentemente doutorado em medicina; e providenciou para a montagem do laboratório de psicologia, o primeiro a instalar-se no País, entregando-o a outro jovem médico, Manuel Bonfim (1868-1932); êsse laboratório funcionou por mais de 15 anos, produzindo pesquisas, algumas das quais publicadas na revista *Educação e Pediatria.* Em 1911, teve Bonfim a colaboração de Plínio Olinto, na cátedra da Escola Normal, onde ambos influíram por cursos e livros (29, 30, 58). [7]

Quase ao mesmo tempo em que, no Rio de Janeiro, adquiria fastígio o movimento de psicologia pedagógica, nôvo núcleo de estudos se organizava na Escola Normal de São Paulo. Inaugurado em setembro de 1914, teve a direção do especialista italiano Ugo Pizzoli, da Universidade de Módena, e logo publicava uma coletânea de monografias com trabalhos experimentais, acêrca de raciocínio infantil, grafismo, memória, cinética, tipos intelectuais e associações de idéias (40). Êsse Laboratório de Pedagogia Experimental, tal era o seu título, prosseguiu por algum tempo na realização de pequenas investigações sôbre estesiometria, especialmente realizada por Clemente Quaglio, as quais, no entanto, não lograram despertar maior interêsse.

Nem por isso, declinou de importância o estudo da psicologia na Escola Normal de São Paulo. No mesmo ano de 1914, aí assume a cátedra de psicologia e pedagogia Antônio de Sampaio Dória (1883). Bacharel em direito, dotado de extensa cultura filosófica e espírito dialético, iria imprimir ao ensino grande brilho, por mais de dez anos. A Sampaio Dória se deve, na bibliografia pedagógica brasileira, a primeira menção dos testes mentais, muito embora não os houvesse praticado sistemàticamente; [8] pu-

[7] De Bonfim é de citar-se não só um compêndio de psicologia, como a obra *Pensar e dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem.* (Rio de Janeiro, Electros, 1923. 480 p.), na qual antecipou muitas noções, depois experimentalmente verificadas.

[8] Os primeiros ensaios práticos com testes parecem ter sido realizados, no Rio de Janeiro, por volta de 1918, pelo pediatra Fernandes Figueira (1863-1928), com as provas de Binet-Simon, e no laboratório do Hospício Nacional, sob a orientação de Roxo, logo após, por jovens psiquiatras, entre os quais Janduí Carneiro.

blicou mais tarde um compêndio de psicologia, baseado sobretudo em idéias de Spencer, Bain e Stuart Mill, mas em que passava a vulgarizar também as idéias de William James, Binet e Van Biervliet (39).

Nessa corrente de idéias, M. B. Lourenço Filho (1897), seu discípulo, começa a ensinar psicologia na Escola Normal de Piracicaba, em 1920. Lecionando também num colégio particular, mantido por uma fundação norte-americana, aí toma mais largo contato com livros de psicologia educacional procedentes dos Estados Unidos, e passa a realizar uma série de pesquisas com o emprêgo de testes, de que publica os primeiros resultados em 1921 (48). No ano seguinte, aceita a incumbência de reformar o ensino no Ceará; prossegue em Fortaleza suas investigações, havendo montado um pequeno laboratório na Escola Normal dessa capital, para estudo biológico e psicológico dos escolares. A circunstância de haver feito os primeiros anos do curso de medicina talvez haja influído para essa orientação que, com mais intensidade, viria a propagar, de regresso a seu estado, em 1925, quando então sucede a Sampaio Dória, na cátedra da Escola Normal.

Volta a funcionar, então, o velho laboratório montado por Pizzoli, a cujos trabalhos agora se associam Noemi Silveira (depois Noemi S. Rudolfer), Branca Caldeira, Irene Muniz, Odalívia Toledo e João Damasco Pena. Nêle se utilizam testes de desenvolvimento mental, realizam-se inquéritos sôbre jogos, influência de leituras e de cinema, completa-se uma pesquisa sôbre aprendizagem (50), e, sobretudo, aprofunda-se a investigação já iniciada em Piracicaba, acêrca da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita (49).

Êsse movimento vai culminar na criação de um Serviço de Psicologia Aplicada, na então Diretoria-Geral do Ensino, em 1931, que é entregue à chefia de Noemi Silveira (1902), a êsse tempo, de regresso de um curso de especialização, no Teachers College da Universidade de Colúmbia; em ensaios sistemáticos de organização de classes seletivas, em todos os grupos escolares da capital de São Paulo; na criação de serviços de orientação profissional em escolas profissionais; e, enfim, na criação de um curso de aperfeiçoamento do chamado Instituto Pedagógico, onde, pela primeira vez, se estabelecem, no país, cursos de biologia, psicologia e sociologia da educação, em nível superior (8, 20).

Do Serviço de Psicologia Aplicada, resultaria o Laboratório de Psicologia Educacional, no Instituto de Educação, logo depois criado, por evolução do Instituto Pedagógico. Organização muito ativa durante dez anos, sob a chefia de Noemi Silveira Rudolfer, manteve quatro seções técnicas: medidas mentais, medida do trabalho escolar, orientação educacional e profissional, e estatística, nas quais chegaram a trabalhar, em regime de tempo integral, 17 técnicos de formação especializada. Segundo Anita Cabral, que entre êles estava, êsse laboratório teria representado "uma experiência pioneira nos vários campos a que se dedicou", tendo permitido "a centenas de alunos a aprendizagem das modernas técnicas da psicologia" (8).

Mas o surto de estudos de psicologia educacional não se limitava a São Paulo.

No Recife, um grupo de educadores se associa ao Instituto de Orientação e Seleção Profissional, depois transformado em Instituto de Psicologia, já em 1925 criado por Ulisses Pernambucano. Assim, Anita Pais Barreto publica numerosos trabalhos sôbre medidas mentais (27). Aníbal Bruno aplica os testes Alfa do Exército americano a grupos de universitários (4); Sílvio Rabelo investiga o grafismo infantil, sôbre que vem a publicar em 1931 a primeira contribuição, baseada nos testes de Decroly, e, depois, mais extensos trabalho (60, 61).

Na Bahia, desde 1924, o educador Isaías Alves (1898) inicia longa observação do desenvolvimento do pré-escolares, que parece ter sido o primeiro intentado no país, embora só mais tarde divulgado (21); pouco depois, trabalha também com testes mentais, sôbre que vem a publicar sucessivos ensaios (22); mais tarde faz estudos de especialização nos Estados Unidos. Devem-se-lhe os primeiros ensaios de adaptação da escala de Binet-Simon, na revisão de Cyril Butr, já em 1926 publicados nos *Anais médico-sociais da Bahia,* como também extensas pesquisas com os testes de Ballard (17).

Em Belo Horizonte, logo após, surgia uma organização a que muito deve a psicologia educacional no país, e que, desde o início, contou com a colaboração de especialistas estrangeiros. Tratava-se do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, de Minas Gerais, cujos trabalhos iniciais datam de março de 1929, sob a orientação de Th. Simon (1873), companheiro de Binet em suas investigações pioneiras, e León Walther (1889), assistente de Claparède. Logo ao fim dêsse ano, a direção dos trabalhos passava a Helena Antipoff (1892) também antiga assistente de Claparède, e que se devia radicar no Brasil, para aqui prosseguir fecunda obra de caráter científico e alcance social. Até a extinção do Laboratório, em 1946, realizou êle, sob a chefia de Antipoff, acuradas investigações sôbre inteligência geral e biótipo; inteligência, meio social e escolaridade; inteligência e vocabulário; orientação e seleção profissional; homogeneização de classes escolares; personalidade e tipos de crianças; memória, aprendizagem e testemunho; motricidade e fadiga; julgamento moral e julgamento social. Além disso, procedeu à adaptação e à revisão de numerosos testes de inteligência e aptidão, havendo preparado testes originais, para medida psicológica e verificação do rendimento do ensino (1).

A orientação geral e as técnicas do que se poderia chamar a "escola de psicologia pedagógica de Belo Horizonte" estão indicadas em monografia impressa em 1931 (23). Em trabalhos posteriores, contribuíram Alda Lodi, Lúcia Schmidt, Irene Lustosa, Elisa Veloso, Maria Angélica de Castro, além de outras; alguns dêsses estudos estão publicados em revistas do país e do estrangeiro (24).

O movimento pela psicologia educacional no Rio de Janeiro volta a reanimar-se em fins de 1924, logo que publicado o volume *Os testes,* de Medeiros e Albuquerque (53). Designada uma comissão para examinar as

possibilidades de aplicação de provas mentais nas escolas públicas do Distrito Federal, de nôvo aí colaboram Manuel Bonfim e Maurício Medeiros, de que resulta um livro, organizado sob a direção do primeiro (30). A seguir, a Associação Brasileira de Educação, recém-criada, promove cursos de conferências sôbre a matéria; o professor americano C. A. Baker divulga experiências de seus pais, em conferências e cursos (26); Paulo Maranhão publica normas sôbre testes mentais e pedagógicos.

Em 1928, com a reforma de ensino de Fernando de Azevedo, baseada em princípios sociais e técnicos dos mais avançados, reformam-se os programas de psicologia na Escola Normal do Distrito Federal, instituem-se classes diferenciais em várias escolas e lançam-se as bases da orientação profissional. Nesse período, destacam-se ainda trabalhos de Paulo Maranhão e a pesquisa de Bueno de Andrade e Celsina F. Rocha, com os testes de desenho de Goodenough (65). O movimento desenvolve-se na administração de Anísio Teixeira, nos anos de 1932 a 1935, que transforma a Escola Normal em Instituto de Educação, aí estabelece cursos de especialização e aperfeiçoamento para diretores e orientadores de ensino, instituindo também um Serviço de Testes e Medidas Escolares. O ensino de psicologia educacional é confiado a Lourenço Filho, que se transfere de São Paulo, e o Serviço de Testes, a Isaías Alves, vindo da Bahia. Aos esforços de ambos, juntam-se os de J. P. Fontenelle (1887) professor de estatística aplicada à educação que, em livros e aulas, divulga os recursos de tratamento numérico das observações. O Serviço de Testes e Medidas é depois incorporado a um nôvo órgão, o Instituto de Pesquisas Educacionais, onde estudos sôbre diferenças individuais e medidas educacionais tomam maior impulso, de par com estudos de ortofrenia, entregues a Artur Ramos. Com o material coletado, Ramos vem a publicar mais tarde documentado ensino sôbre a especialidade (63), como também Ofélia Boisson Cardoso, vários estudos.

O Instituto de Educação é incorporado à Universidade do Distrito Federal, em 1935; aí seriam realizados cursos de psicologia para professôres secundários e pesquisas sôbre a adolescência, assunto até então pouco tratado. Prosseguem também os cursos para administradores de ensino, com o catedrático e seus assistentes, Heloísa Marinho (1903) e Murilo Braga (1912-1952), realizando-se então investigações sôbre psicologia das matérias de ensino; por outro lado, fazem-se pesquisas sistemáticas, por mais de cinco anos, sôbre desenvolvimento mental em crianças e adolescentes, recolhendo-se preciosa documentação, base de largas aplicações na seleção e orientação profissional, algum tempo depois. [9]

Em julho de 1938, é criado no Ministério da Educação o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, (INEP), a cuja direção é chamado Lourenço Filho. O nôvo órgão estabelece uma Seção de Orientação e Seleção Profissionais, pois que deveria colaborar com o Departamento

[9] Ao intentar a seleção de candidatos aos postos de escritório, no Instituto de Previdência e Assistência Social dos Industriários, em 1937, João Carlos Vital recorre aos técnicos do Instituto de Educação, como também o faria depois, ao ter de organizar o Instituto Brasileiro de Resseguros.

Administrativo do Serviço Público (DASP), na preparação do material destinado à seleção de candidatos ao serviço público civil em todo o país. Chefiam essa seção, sucessivamente, Murilo Braga e Jacir Maia (1914), que publicam vários trabalhos. Mas o Instituto mantém também uma Seção de Psicologia Aplicada, primeiramente sob a chefia de Manuel Marques de Carvalho e, depois, de Armando Hildebrand. Nela se efetuam investigações de base, como as que publicou o Instituto sôbre o vocabulário do pré-escolar, do escolar, e do adulto médio (12); para a primeira, recebeu a colaboração de Heloisa Marinho (51), e, para as últimas, a de um numeroso grupo de técnicos; igualmente realizou ampla pesquisa sôbre a influência de jornais e revistas infantis, considerada, por especialistas estrangeiros, como a mais completa já levada a cabo em qualquer parte do mundo (43). A ação do INEP estendeu-se a vários estados, e ainda a países vizinhos, mediante estágios e cursos de aperfeiçoamento para professôres de psicologia e chefes de serviços educacionais; estabeleceram-se, por essa forma, serviço de psicologia aplicada e de medidas educacionais no Rio Grande do Sul, Estado do Rio de Janeiro, Pará e Espírito Santo, o Centro de Medidas Educacionais de Sucre, na Bolívia, e a Divisão Técnica do Ministério da Educação do Paraguai (12).

A ação do Ministério da Educação, através do INEP, somava-se assim à que já vinha sendo exercida, na especialidade, pelo Laboratório de Psicologia Educacional da Universidade de São Paulo. Nesse centro universitário, iriam ser ministrados também os primeiros cursos de psicologia geral, na Seção de Filosofia, a partir de 1934, com o especialista francês Jean Maugué, e, mais tarde, o professor norte-americano Otto Klineberg. Ao mesmo tempo, desenvolvia cursos da matéria, na Universidade do Distrito Federal, o professor francês Etiene Souriau (1892). Instituída, em 1939, a Faculdade Nacional de Filosofia, na Universidade do Brasil, nela continua a ensinar Souriau e, logo após, André Ombredane, também francês.

Seria dêsse modo inaugurada, em grande parte pelo esfôrço de educadores, a era universitária da psicologia. Por êles, ir-se-ia intensificar a corrente de jovens, desejosos de maior especialização em cursos avançados no estrangeiro, a princípio especialmente alimentada por diplomados no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, e seu similar na antiga Universidade do Distrito Federal. Vários dêles, pelo caminho da psicologia educacional, passariam a abordar os mais altos problemas da metodologia, histórica e filosofia da ciência.

O caso mais expressivo dessa formação é, talvez, o de Anita Cabral, catedrática na Universidade de São Paulo. Depois de haver longamente trabalhado em psicologia da educação, graduou-se em filosofia nessa Universidade, realizando, a seguir, estudos de aperfeiçoamento com Koffka, no Smith College, e na New School for Social Research, de Nova Iorque, com Max Wertheimer Horace Kallen, Albert Salomon e Ernst Kris. Serviu como assistente de Otto Klineberg, a quem sucedeu na chefia de ensino da cadeira, que hoje tanto ilustra (8).

Ainda no âmbito das escolas normais, no entanto, o trabalho devia prosseguir em realizações fecundas. No Instituto de Educação do Rio de Janeiro, com Heloísa Marinho, Iva Weisberg, Carmen Alonso, que renovam o ensino e, ao mesmo tempo, realizam pesquisas; na Escola Normal do Ceará, com Djacir Meneses (1907), que publicou, em 1938, um compêndio, logo seguido de um dicionário psicopedagógico; na de Belo Horizonte, com Iago Pimentel (1890), também autor de um compêndio de psicologia aplicada à educação; nas escolas normais de Limeira e Piracicaba, estado de São Paulo, onde respectivamente ensinam, com João de Sousa Ferraz e José Rodrigues Arruda, autores de compêndios, sendo de notar que o de autoria do primeiro está traduzido em castelhano. Ainda no Instituto de Educação, de Pôrto Alegre, realizam pesquisas Olga Gweyr, Marieta Silva e seus discípulos.

4. A Contribuição de Engenheiros e Administradores

Com a contribuição de médicos e educadores, vence-se a fase *heróica* animada especialmente por autodidatas. Antes que ela se completasse, porém, suscitados os problemas de aplicação a problemas de organização do trabalho, um nôvo grupo passaria a prestar à psicologia científica intensa colaboração: o de engenheiros.

Os primeiros estudos e realizações provindos dêsse setor são devidos a Roberto Mange (1885) professor da Escola Politécnica de São Paulo, que, já em 1924, ensaiava as provas de Giese em candidatos à matrícula nos cursos de mecânica do Liceu de Artes e Ofícios dessa capital, logo aplicadas também a aprendizes ferroviários, em oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e da Estrada de Ferro Sorocabana. De uma parte, os trabalhos de Mange concorreram para a criação, em São Paulo, do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), de que, com outros engenheiros e educadores foi um dos fundadores; de outra, para o estabelecimento de vários centros de seleção de ferroviários, que mais tarde se coordenariam pela Comissão de Psicotécnica da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária. Essa comissão compunha-se, em 1940, de Roberto Mange, Pelágio Rodrigues dos Santos, José Moacir Andrade Sobrinho, Ítalo Bologna e Vitor R. de Gouveia (6).

Em 1942, Mange é chamado a organizar e dirigir o departamento regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, (SENAI), em São Paulo, onde então congrega ativo grupo de trabalhadores da psicologia: Ítalo Bologna, Osvaldo de Barros, Valter Barioni, Nelson Campos Pires, Joaquim Machado de Melo e Jason Ribeiro da Silva, e, mais tarde os especialistas estrangeiros Robert Veit e Betti Katzenstein. [10]

O movimento de seleção profissional vem a alcançar o serviço público civil federal, já em 1936, através da Comissão de Serviço Público Civil,

[10] Vários dêsses especialistas prestam agora serviços a centros psicotécnicos de outras organizações, como a Companhia Municipal de Transportes Coletivos de São Paulo e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, departamento regional.

que contou com a colaboração de outro engenheiro, não por si cultor da psicologia, mas entusiasta da sua aplicação, João Carlos Vital (1900). Organizado o Departamento Administrativo do Serviço Público em 1938, é aí instalada uma Divisão de Seleção, que passa a ser dirigida pelo Engenheiro Mário Paulo de Brito (1894) e, depois, pelo antigo auxiliar do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Murilo Braga (12).

Na Estrada de Ferro Central do Brasil, òrganiza-se, em 1939, na administração do Engenheiro Waldemar Luz, um Serviço de Seleção Profissional. A serviço similar, criado na administração nacional do SENAI, é chamado a colaborar outro engenheiro, com estudos especializados em educação, Otávio Martins (1904), que, mais tarde, se especializou com Thurstone, em Chicago, e realizou no país as primeiras aplicações do método de análise multifatorial (52). Na administração central do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), os serviços de psicotécnica, instalados por Léon Walther, em sua segunda viagem ao Brasil, em 1949, são continuados pelo especialista francês Pierre Weil (1924); aí colaboram também engenheiros, como Maurício de Carvalho; médicos, como Raul Lellis, e educadores, como Jacir Maia e Otacílio Rainho (73).

Ainda no domínio dos estudos de administração, duas realizações de maior importância desenvolvem o esfôrço inicial dos engenheiros. A primeira é o Instituto de Orientação e Seleção Profissional (ISOP), da Fundação Getúlio Vargas, fundado no Rio de Janeiro, em 1947, e dirigido, desde início, por Emilio Mira y López, especialista de renome internacional (3); a segunda é o Setor de Psicologia Aplicada, no Instituto de Administração, mantido pela Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo; êsse Instituto vem sendo dirigido por Mário Wagner Vieira da Cunha e o Setor de Psicologia, por Raul de Morais (8, 57).

O ISOP, que é a mais ampla organização até agora criada no Brasil no domínio da orientação e seleção, possui duas dezenas de técnicos e auxiliares, entre médicos, psicologistas e estatísticos, e está aberto ao público para exame de orientação educacional e profissional; realiza, à requisição de emprêsas, serviços de seleção de pessoal, e vem-se incumbindo dos exames psicotécnicos dos condutores de veículos do Rio de Janeiro (13). Periòdicamente, organiza cursos para preparação de técnicos em vários ramos; também desenvolve pesquisas de considerável valor (3). Numerosos psicologistas aí têm trabalhado, como Eurílalo Canabrava, Glória Quintela, Ofélia Boisson Cardoso, Dora de Barros Cullinan, Carmen Alonso, Inês Besouchet, Cinira Menezes, Leonilda Braga, Edviges Florence, José da Silveira Pontual, J. Andrade Sobrinho, Alfredo Oliveira Pereira, Francisco Campos, Fernando de Villemor Amaral. A Canabrava se devem os primeiros estudos, no país, de associação da lógica matemática à mensuração dos fatôres psíquicos (35).

A divisão de psicologia do Instituto de Administração de São Paulo, embora com mais limitados recursos, tem realizado pesquisas sôbre processos de seleção, cujos resultados se difundem em fascículos; além de Raul de Morais, têm-lhe prestado colaboração Jovino Macedo, Eugênia

M. de Andrade, Dulce de Godói Alves, Zila Wendel e Ivone Espíndola (58) [11]

5. A Contribuição de Sacerdotes e Líderes Católicos

No campo filosófico, é a sacerdotes que se devem, no Brasil, os primeiros trabalhos de psicologia; também lhes cabe a primazia nas discussões em variados temas de filosofia social; com relação à introdução dos métodos experimentais mantiveram-se, porém, em atitude de reserva, por muito tempo, após o que passaram a apresentar valiosa contribuição. Tôdas as reservas deviam realmente desaparecer com a contribuição "Deus scientiarum Dominus", pela qual o Papa Pio XI estabeleceu nova legislação e programas para as faculdades pontifícias em todo o mundo; e, sobretudo, depois da legislação jesuítica de ensino, expedida em 1941, a qual prescreve o ensino obrigatório da psicologia experimental no curso de filosofia, como complemento aos estudos metafísicos e como base da pedagogia.

Data dêsse ano a introdução da especialidade na Faculdade Pontifícia de Filosofia do Colégio Máximo Anchieta, com sede em Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, onde é professada pelo Pe. Henrique C. de Lima Vaz; outro sacerdote, membro do corpo docente da Faculdade, realiza estudos de especialização na Universidade de Louvain, na Bélgica, a fim de habilitar-se a dirigir o laboratório que aí se instala. Por outro lado, as Pontifícias Universidades Católicas de São Paulo e do Rio de Janeiro instalaram Institutos de Psicologia.

Deve-se a um saudoso jesuíta brasileiro, grande educador, Pe. Leonel Franca (1893-1948), a obra *Psicologia da fé,* que se tornou clássica (42); e ao dominicano brasileiro, Frei Damião Berge, vários estudos sôbre a estrutura do sentimento religioso, nos quais se resumem as pesquisas de Starbeck e William James sôbre o assunto, e dão-se os resultados das mais recentes investigações, como as de Gingershon, Gruhen e Gemelli (28). Na extensa obra que publicou em 1938, sôbre elementos da filofia aristotélica-tomista, A. B. Alves da Silva reserva todo o primeiro volume à psicologia empírica; a obra expositiva mais completa sôbre psicologia experimental, em língua portuguêsa, é de autoria do Pe. Paulo Siwek (1913) (67); o melhor estudo sôbre educação sexual, com fundamentos psicológicos modernos, deve-se ao Pe. Álvaro Negromonte. Ao Pe. Carlos Leônico da Silva, que por longos anos dirigiu o Instituto Superior de Pedagogia, anexo à Faculdade de Filosofia do Ateneu Salesiano de Turim (Itália), e hoje dirige a Faculdade de Filosofia de Lorena (São Paulo), devem-se trabalhos pedagógicos baseados em modernos fundamentos de psicologia, e, bem assim, a animação de estudos experimentais. Em 1954, essa Faculdade inaugurou um Laboratório de Psicologia Experimental, sob a direção do Pe. João Modesto.

[11] O movimento de aplicação à organização do trabalho tem-se estendido a serviços de pessoal de diferentes emprêsas, como a Companhia Telefônica Brasileira e Cia. de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro, onde as atividades têm a colaboração de Achim Fuerstenthal; e em serviços da Secretaria do Trabalho do Estado de São Paulo, onde ùltimamente trabalha o especialista S. J. Schwartstein.

Líderes católicos, entre os quais Alceu Amoroso Lima (1893) (46), ou educadores católicos como Everardo Backheuser (1897-1951) e Teobaldo Miranda Santos (1904), têm versado assuntos atuais de psicologia educacional, ou compilado obras para maior difusão dos conhecimentos modernos da especialidade.

6. A Contribuição de Especialistas Estrangeiros

A contribuição ao desenvolvimento da psicologia científica no Brasil, pelo trabalho pessoal de especialistas estrangeiros, deve ser mais de perto considerada. Será preciso lembrar, no entanto, que a permanência dêsses mestres, entre nós, muitas vêzes foi extremamente rápida; depois, que nem sempre encontraram ambiente devidamente preparado para suas lições.

Foi, por exemplo, o que aconteceu com Ugo Pizzoli, quando em 1914 veio instalar o Laboratório de Pedagogia Experimental, em São Paulo. Êsse especialista italiano figurou, no primeiro decênio dêste século, como precursor do nôvo movimento de psicologia educacional na Europa, ao lado de Neumann na Alemanha, Claparède na Suíça e Decroly na Bélgica; no entanto, a influência que deixou no Brasil foi apenas sensível (40).

Já o mesmo não ocorreu com o polonês Waclaw Radecki que, na direção do Laboratório de Psicologia do Hospital do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, formou um grupo de pesquisadores de excepcional valor, mau grado a insistência com que repisava os princípios de seu sistema de "discriminacionismo afetivo", mais cedo ou mais tarde abandonado por todos os seus discípulos; Radecki, que faleceu no Uruguai, em 1953, fêz imprimir no Brasil um *Tratado de psicologia* (62).

Mais intensa e profunda influência deixou Henri Piéron (1881) nas quatro vêzes em que veio ao Brasil para ciclos de conferências, e, de uma vez, para curso prático de psicotécnica, que realizou em São Paulo, de julho a setembro de 1927. Como suas lições e demonstrações já encontrassem em plena atividade núcleos de aplicação à educação e à organização do trabalho, foram elas àvidamente seguidas. Piéron teve oportunidade de oferecer não só princípios e técnicas de psicologia aplicada, como a discussão de problemas metodológicos, o que muito influiu na direção dos estudos de seus discípulos de então, entre os quais Roberto Mange, Lourenço Filho e Noemi Rudolfer. Editaram-se em volume os resumos de suas aulas, infelizmente não revistas e, de tal modo truncada que não dão qualquer idéia do fecundo trabalho desenvolvido 41.

Pequena foi a contribuição de Th. Simon e Léon Walther, nos cursos que deram, em Belo Horizonte, em 1929. Na mesma época, porém, Walter realizou um curso de psicologia aplicada ao trabalho industrial em São Paulo, com maior repercussão, dado que representava como que uma aplicação específica das lições anteriores de Piéron. A tradução de seu mais importante livro, para o português, representou contribuição que deve ser assinalada (71). Walther voltou ao Brasil para a organização dos serviços de orientação e seleção do Serviço Nacional de Aprendizagem

Comercial, em 1949, em companhia de Pierre Weil, especialista francês, que se radicou no país.

Grande influência tiveram, desde os primeiros anos, as lições de Helena Antipoff. A princípio, concorreram para a elevação do nível de formação especializada do professorado de Minas Gerais (1); depois, estenderam-se a grupos de professôres de vários estados, que a Belo Horizonte acorreram; finalmente, passaram a influir no Rio de Janeiro, para onde Antipoff se transferiu por algum tempo, a fim de servir no Departamento Nacional da Criança, e na orientação de cursos para deficitários, no Instituto Pestalozzi. A obra que veio a realizar, na Fazenda do Rosário, nas proximidades de Belo Horizonte, para o mesmo fim de educação de excepcionais da inteligência, é das mais belas do ponto de vista científico e humano.

De uma série de conferências que realizou, em 1928, no Rio de Janeiro e em São Paulo, com projeção de filmes relativos a suas experiências sôbre a psicologia da forma, Wolfgang Köhler deixou profunda impressão. Não menor efeito, porque ligadas ao movimento da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, alcançavam as lições de Ed. Claparède, em 1930, continuadas pela tradução de seus livros. Contribuição menos sensível ficaria dos cursos de conferências de Pierre Janet, Henri Wallon e Rudolph Dreikurs, no Rio de Janeiro, entre 1937 e 1940.

Contratados para cursos permanentes, fizeram discípulos que lhes continuam as idéias, no Rio de Janeiro, os professôres franceses Etienne Souriau, nos anos de 1934 a 1937, e André Ombredane, de 1940 a 1945; e, em São Paulo, Jean Maügué, de 1935 a 1944. Souriau desenvolveu idéias de psicologia social; Ombredane, estudos sôbre a psicologia da linguagem, havendo realizado algumas pesquisas no Instituto Nacional de Surdos Mudos. Maügué, que lecionou cumulativamente história da filosofia e psicologia, deu cursos monográficos anuais sôbre vida afetiva, percepção, personalidade e memória, nos quais foram expostas e criticadas as idéias da psicanálise, da fenomenologia alemã, da psicologia da forma, da psicopatologia de Janet e Dumas. Antigo aluno do filósofo Brunschvicg e do psicólogo social Charles Blondel, "abordava os temas psicológicos à luz dos problemas filosóficos e de sua determinação social. Era partidário de uma psicologia concreta, mas, como o seu compatriota Politzer, crítico impiedoso da "psicologia experimental" (8). Ainda ao ensino da psicologia social, em São Paulo, outros mestres franceses, Paul Arbousse-Bastide e Claude Lévi-Strauss, exerceram notável influência, como ainda hoje a exerce Roger Bastide (1898), na interpretação social dos fatos psicológicos.

Em contraste com êsse movimento de idéias, que por longo tempo caracterizou o ensino na Universidade de São Paulo, a ação da Escola Livre de Sociologia e Política, na mesma capital, fêz-se sentir, pelo amor à descrição dos fatos, através de seu departamento de sociologia, há mais de dez anos chefiado pelo professor norte-americano Donald Pierson (1900). É de salientar que essa Escola foi a primeira, no país, a criar uma cadeira de psicanálise, confiada primeiramente a Durval Marcondes e, depois, a Virgínia Leone Bicudo (8).

Mas, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o ensino iria sofrer notável mudança de direção, com o contrato do psicólogo-social norte-americano Otto Klineberg (1899), que aí trabalhou de 1945 a 1947. Ao invés de, como antes, um só curso anual para todos os alunos, Klineberg estabeleceu nôvo esquema, que continua a ser seguido em suas linhas gerais: no primeiro ano, dois cursos anuais de psicologia geral e experimental; no segundo ano, psicologia social e psicologia diferencial; no terceiro, psicologia da personalidade e psicologia patológica. A influência de Klineberg não se teria dado apenas por êsse desdobramento de assuntos, mas, também, na orientação geral do trabalho e nos procedimentos didáticos (8).

No que diga respeito à psicologia aplicada, nenhum especialista estrangeiro tem exercido tão variada e considerável influência como Emilio Mira y López (1896), antigo professor da Universidade de Barcelona. Além de organizador e diretor dos serviços de seleção e orientação profissional da Fundação Getúlio Vargas e da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, tem sido consultor de vários órgãos oficiais para os problemas de seleção; foi o principal criador da Associação Brasileira de Psicotécnica, de que é secretário-geral, e dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica,* de que é redator-chefe; tem publicado numerosos artigos e relatórios; dirigiu cêrca de uma centena de trabalhos de pesquisa realizados por investigadores brasileiros; sete de seus livros estão traduzidos em português. Além disso, Mira y López, que se acha no Brasil desde 1945, tem ministrado cursos de conferências em várias universidades brasileiras, na Escola Superior de Guerra, na Diretoria do Exército, no Estado-Maior da Armada, e em associações médicas e pedagógicas (3, 13, 47).

Quatro especialistas estrangeiras têm, ùltimamente, prestado valioso subsídio ao ensino e à pesquisa: Marie Joseph Peters, belga, doutorada em Louvain, que dirigiu por alguns anos o ensino de psicologia na Faculdade Católica de Filosofia de Campinas, Estado de São Paulo; Betti Katzenstein, alemã, que se doutorou em Hamburgo, antiga assistente de W. Stern, e que tem desenvolvido estudos de pesquisa infantil, como chefe do serviço de psicologia da Cruzada Pró-Infância, em São Paulo; Aniela Ginsberg, que trabalhou por algum tempo no Rio de Janeiro e na Bahia, e depois na Escola Livre de Sociologia e Política, de São Paulo, onde fêz pesquisas de psicologia social, especialmente sôbre publicidade comercial (8); e Reba Campbell, norte-americana, psiquiatra da escola de Frederick Allen, que tem dado contribuição ao Centro de Orientação Juvenil, do Departamento Nacional da Criança, no Rio de Janeiro, especialmente no preparo de psicologistas clínicos.

7. Evolução do Ensino da Psicologia

Até 1930, o ensino da psicologia vinha figurando apenas no currículo das escolas normais. Com a criação da Escola de Aperfeiçoamento, de Belo Horizonte, 1929) e a do Instituto Pedagógico de São Paulo, (1931) passou a ser ampliado em cursos de aperfeiçoamento. Estabelecido o Ins-

tituto de Educação do Rio de Janeiro (1932), a que logo se seguiu o de São Paulo, (1933), a formação de professôres primários se beneficiou de mais alto nível, pois que, para a matrícula, passava a ser exigido o curso secundário fundamental, de cinco anos. Alguns estados renovaram o ensino normal dentro dêsse esquema, mas a maioria dêles manteve o padrão tradicional, até que a lei orgânica do ensino normal, expedida em 1946, pelo Ministério da Educação, veio disciplinar a matéria, estabelecendo três níveis de preparação para o magistério elementar: o de cursos normais regionais; o de escolas normais e o de institutos de educação.

Nos primeiros, destinados a formar regentes de ensino ou, em têrmos práticos, mestres rurais, a exigência para a matrícula é apenas a de curso primário completo; o ensino da psicologia, nêles aparece associado ao da pedagogia, num só ano. Nas escolas normais, porém, a cuja admissão só podem concorrer candidatos com o 1. ciclo do curso secundário, ou ginásio, o ensino da psicologia passou a desdobrar-se em dois anos, na 2.ª e 3.ª série dos estudos: na 2.ª série, dão-se noções de psicologia da criança e fundamentos psicológicos da educação; na 3.ª, lições sôbre aprendizagem e diferenças individuais. O mesmo esquema foi estabelecido para os cursos de formação nos institutos de educação, os quais além disso podem ministrar ensino de especialização e aperfeiçoamento, e cursos para administradores de ensino, com programas tão vastos como o possam fazer.

No curso secundário, pela reforma de Francisco Campos (1931), estabeleceu-se o ensino da psicologia, mas tão-sòmente num dos ramos dos chamado curso complementar, ou 2.º ciclo de estudos, o que devia habilitar para ingresso nas escolas de medicina e direito. Pela Lei Orgânica de 1942, em vigor, extinguiu-se a exigência, criando-se, no entanto, para todos os alunos do 2.º ciclo o estudo da filosofia, em cujo programa aparecem rudimentos de psicologia. Em alguns cursos técnicos de nível médio, existe o ensino da disciplina, (secretariado comercial, serviço social, enfermagem).

A grande realização dos últimos tempos é, porém, a do ensino da psicologia no ensino superior: desde 1934, na Universidade de São Paulo, para os bacharéis em filosofia; e desde 1939, para os licenciados, ou candidatos ao magistério secundário e normal, pois então se estabeleceu o padrão federal para as faculdades de filosofia, que hoje são 42, em todo o país. Em dois cursos, o de bacharelado em filosofia, e o de bacharelado em pedagogia, os estudos da psicologia têm a duração de três anos; no curso de didática, que completa a formação dos licenciados, dando-lhes habilitação para o magistério secundário, o ensino é de um ano.

No curso de filosofia, o ensino é ministrado na cadeira de psicologia, (psicologia geral), seguindo geralmente orientação mais especulativa que científica, como se poderá ver pelo confronto dos programas em vigor, muito variáveis de uma para outra faculdade. Contudo, como já se fêz notar com relação aos estudos da especialidade na Universidade de São Paulo, começa a haver sensível reação no sentido de torná-los mais objetivos, ou mais cientìficamente fundados. Na Faculdade Nacional de Filosofia, onde o ensino é dirigido por Nilton Campos, o mesmo movimento se

observa. No 1.º ano, estudam-se as relações da psicologia com a filosofia, sua evolução para a autonomia científica, e suas relações com as demais ciências da natureza e da sociedade, esclarecendo-se as questões de ordem metodológica; no 2.º ano, apresenta-se a contribuição de grandes vultos da psicologia moderna e contemporânea, para exame das funções e processos mentais, e o do problema central da personalidade; no 3.º e último ano, são tratadas as indicações e contra-indicações metodológicas no campo da aplicação, os critérios de interpretação dos resultados de pesquisas, as vantagens e limitações do emprêgo dos métodos de experimentação.

No curso de pedagogia, (em que os estudos são feitos na cadeira de psicologia educacional) os estudos têm caráter mais objetivo e prático, para que possam servir à formação de técnicos de ensino e psicologistas escolares. De modo geral, os estudos compreendem dois anos de psicologia evolutiva e da aprendizagem e outro de psicologia diferencial. Em algumas faculdades, acrescentam-se noções especiais sôbre a educação de excepcionais da mente e do caráter, e de história da psicologia, como ocorre na Universidade de São Paulo (66).

Ensina-se ainda a psicologia, em um ano, nos cursos de administração e de jornalismo, sob a forma de psicologia social; no de educação física, como fundamento da metodologia da ginástica e dos desportos; nos de sociologia e política, sob a forma de psicologia social e psicologia aplicada; no de direito, através de noções de psiquiatria forense e psicologia judiciária, ministrada na cadeira de medicina legal.

Inovação de maior importância foi o estabelecimento na Faculdade Nacional de Medicina, desde 1946, por iniciativa de Maurício Medeiros, do ensino da psicologia normal, na 4.ª série, como exigência curricular para o estudo de clínica psiquiátrica, que se faz na 6.ª série. Dez anos antes, porém, ao criar-se a Faculdade de Ciências Médicas, no Rio de Janeiro (hoje incorporada à Universidade do Distrito Federal) criou-se, por iniciativa de Adauto Botelho, uma cadeira de psicologia normal e patológica, que veio a iniciar os trabalhos em 1941. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Prêto, Estado de São Paulo, de recente instalação (1950) foi mais longe: estabeleceu um Departamento de Psicologia Médica para ensino de psicologia, psicanálise, medicina psicossomática e higiene mental. O esquema ora seguido na Faculdade Nacional de Medicina já foi adotado também pela Faculdade de Medicina da Universidade do Recife; aliás, em recente congresso médico, aprovou-se uma proposta no sentido de criação do ensino da psicologia normal em tôdas as escolas médicas do país.

Não se desenvolveram ainda, no entanto, nas próprias faculdades de filosofia, como seria de desejar, os cursos de pós-graduação, para especialização e aperfeiçoamento, inclusive nas aplicações práticas à organização do trabalho e na orientação educacional. Uma das preocupações dos líderes de psicologia aplicada, neste momento, como também das associações especializadas de psicologia, é a da regulamentação da profissão de *psicologista,* a admitir pelo menos três ramos de especialização: psicologistas do trabalho, psicólogos clínicos e orientadores educacionais. Contudo, já na

Universidade de São Paulo, como também na Escola Livre de Sociologia e Política, da mesma capital, realizam-se *cursos de seqüência,* para aperfeiçoamento, com duração variável. [12]

8. Órgãos de Pesquisa, Publicações e Associações Especializadas

Outro aspecto de carência no ensino, mau o progresso já atingido, é o de convenientes instalações e corpo de pessoal habilitado para a pesquisa. A Universidade do Brasil possui um Instituto de Psicologia, sob a direção de Nilton Campos, e com especialistas capazes, mas material obsoleto e falta de espaço. Em melhores condições está a Universidade de São Paulo, que tem realizado pela cadeira de psicologia educacional, com Noemi Rudolfer e, ùltimamente, pela cadeira de psicologia geral, com Anita Cabral, investigações de psicologia diferencial e social (8). A Universidade da Bahia, pela cadeira de psicologia educacional, com Isaías Alves, e a do Recife, com Sílvio Rabelo, ensaiam trabalhos de investigação. É de crer, no entanto, que a Universidade mais bem dotada, neste momento, quanto a instalações, seja a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cujo Instituto de Psicologia, recentemente inaugurado, apresenta material moderno da melhor qualidade, pelo que inicia programa de pesquisas de grande significação. Sua chefia é exercida por Enzo Azzi, psicologista e médico, antigo assistente de Frei Agostinho Gemelli. Na Faculdade de Filosofia Sedes Sapentiae, da mesma Universidade, funciona uma clínica psicológica, cujos trabalhos são conduzidos pela catedrática de psicologia educacional Célia Sodré Dória, C. R.

A realidade é que o maior número de investigações de caráter experimental têm sido até agora feitas, e ainda se fazem, *fora das universidades,* em centros de aplicação ao trabalho, à organização escolar, a problemas de desajustamento infantil e juvenil. [13]

[12] O Simpósio das Faculdades de Filosofia do Brasil, reunido em julho de 1953, em São Paulo, propôs a criação nessas faculdades de uma "seção de psicologia", para cursos específicos de bacharelado, licenciatura e pós-graduação, na especialidade. Na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, acaba de ser criado um curso de bacharelado em psicologia.

[13] Citam-se entre os primeiros: O Instituto de Orientação e Seleção Profissional da Fundação Getúlio Vargas (ISOP), Rua da Candelária, 6, Rio de Janeiro; o Serviço de Orientação e Seleção Profissional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SOSP), Rua da Candelária, 9, 8.º, Rio de Janeiro; os Serviços de Orientação e Seleção dos Departamentos Regionais e da Administração Central do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Rua de Sta. Luzia, 685, Rio de Janeiro; e o Serviço de Orientação do Instituto de Educação de Belo Horizonte. Entre os segundos devem ser mencionados: o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação, Rio de Janeiro; o Centro de Estudos Pedagógicos da Secretaria de Educação de São Paulo; o Instituto de Pesquisas Educacionais da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal; o Centro de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul; o Setor de Orientação Pré-Vocacional e Encaminhamento ao Trabalho do Departamento de Educação Primária do Distrito Federal; o Centro de Orientação Maternal da Pró-Matre da Bahia; o Instituto de Preservação e Reforma do mesmo estado. Entre os serviços que cuidam de problemas de desajustamento infantil e juvenil: o Setor de Ortofrenia do Instituto de Pesquisas Pedagógicas

Inicialmente, o maior número de investigações se devia fazer com o emprêgo de testes de desenvolvimento mental e aptidões mecânicas (1, 4, 12, 20, 26, 27, 6, 30, 65); depois, com os de maturidade para aprendizagem da leitura e escrita (20, 49, 52); ùltimamente, porém, sem prejuízo do emprêgo dêsses testes, têm-se desenvolvido pesquisas com provas projetivas e "inventários de personalidade" (3, 8, 47, 57, 68, 70, 72). Para isso se tem usado do psicodiagnóstico de Rorschach (68), do teste miocinético de Mira y López (47), do diagnóstico afetivo de Weil (72), do T. A. T., do questionário de Bernreuter (57) e outros do mesmo tipo. [14]

Pesquisas sôbre comportamento infantil têm sido feitas sob vários aspectos (1, 21, 44, 44, 51, 56, 60, 63, 65); iniciam-se apenas as de psicologia animal (45), de que o mais extenso trabalho parece ser uma recente investigação de Joel Martins, em São Paulo, com ratos.

Por outro lado, indagações sôbre psicologia social estão sendo desenvolvidas na Universidade de São Paulo e na Escola Livre de Sociologia e Política da mesma capital (8); problemas particulares de administração de emprêsas, e relações humanas, em geral, estão sendo tratados com maior ou menor profundidade (45). Há crescente interêsse pelos problemas de relações humanas de que os primeiros cursos de pesquisas foram realizados, em 1940, no Departamento Administrativo de Serviço Público, pelo autor dêste ensaio. A Universidade de São Paulo e a Universidade Católica do Rio de Janeiro têm patrocinado estudos a respeito; no Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, Eliézer Schneider vem igualmente cuidando do assunto (70).

Visão geral do adiantamento dos estudos como dessa variação de interêsses na psicologia, aparece em recente obra de colaboração, inspirada e coordenada por Otto Klineberg, quando de sua estada no Brasil, e publicada em 1953 sob o título Psicologia moderna (45). Aí escrevem sôbre escolas e sistemas de psicologia, Anita Cabral e Frank Philips; sôbre psicologia fisiológica, Aníbal Silveira; psicologia animal, Paulo Sawaya; psicologia social, Otto Klineberg; psicologia patológica, Cícero Cristiano de Sousa; psicologia médica, Durval Marcondes; psicologia diferencial, Aniela Ginsberg; psicologia do trabalho, Maria de Lourdes Viegas, Osvaldo de

do Distrito Federal, Rua Almirante Barroso, 81, Rio de Janeiro; o Centro de Orientação Juvenil do Departamento Nacional da Criança, Rua Rui Barbosa, 726, Rio de Janeiro; a Cruzada Pró-Infância, de São Paulo, e a Clínica Infantil do Serviço de Inspeção Médica, na mesma capital.

[14] No recente trabalho de Cícero Cristiano de Sousa, *O método de Rorschach* (1953) acertadamente se informa que o primeiro pesquisador brasileiro a ensaiar a prova de Rorschach foi J. Leme Lopes, no Rio de Janeiro, em 1932; no entanto, os primeiros trabalhos publicados sôbre o assunto são devidos a Tavares Bastos, Robert Veit e E. A. Whitaker, todos do ano de 1934. Leão Bruno, já nesse ano, indicava 25 estudos publicados do Brasil. Cristiano de Sousa seleciona 15 títulos em seu livro; também nêle informa da fundação, no ano de 1952, da Sociedade Rorschach de São Paulo. A edição francesa de 1947 da obra de H. Rorschach (Presses Universitaires, Paris), consigna em apêndice 13 títulos de trabalhos de pesquisa realizada no Brasil.

Barros, J. B. Sales Silva e J. Machado de Melo Júnior; psicologia educacional, Lourenço Filho; psicologia da criança, Betti Katzenstein; higiene mental, Virgínia Leme Bicudo; psicologia jurídica, A. Almeida Júnior, Tratam de temas especiais, no mesmo volume: Cícero Cristiano de Sousa, técnica projetivas; Herbert Baldus, psicologia e étnica; e Mário Wagner Vieira da Cunha e Raquel Vieira da Cunha, personalidade e cultura.

Embora retardado em sua publicação, pois os originais foram preparados em 1947, êsse volume oferece bom índice do nível alcançado pela psicologia científica, no Brasil, nos últimos dez anos; revela também a variação das influências estrangeiras sôbre os cultores da especialidade em nosso país. Até 1930, eram elas acentuadamente européias particularmente francesas, ou recebidas através da França (14); hoje são norte-americanas, na maior percentagem, ou recebidas através de livros e revistas dos Estados Unidos. Em cifras aproximadas, na extensa bibliografia indicada em *Psicologia moderna,* 70% dos autores são norte-americanos, ou inglêses; 10%, alemães; 10%, franceses; 7%, brasileiros, 3%, espanhóis, latino-americanos e italianos.

Percentagens muito próximas a essas, quanto à procedência da bibliografia, encontram-se nos artigos que aparecem nas quatro publicações periódicas especializadas, ora existentes: *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica,* publicação trimestral, fundada em 1949 pela Fundação Getúlio Vargas, e que tem divulgado especialmente os estudos do Instituto de Seleção e Orientação Profissional, da mesma entidade (3); *Boletim do Instituto de Psicologia,* bimestral, fundado em 1951, publicado pela Universidade do Brasil; *Boletim de Psicologia,* órgão da Sociedade de Psicologia de São Paulo, publicado a partir de 1949, trimestral. Uma revista especializada, *Psyké* (Revista didática e científica de psicologia, psiquiatria e psicanálise), mantida por um grupo de psicologistas do Rio de Janeiro, distribuiu vários números em 1947, logo cessando, porém, a impressão.

Órgãos não inteiramente dedicados à psicologia têm apresentado crescente número de estudos e pesquisas: *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo,* de que os n.os 74 e 76, de 1946, e 119, de 1950, são consagrados à psicologia educacional, escolas de psicologia e psicologia social, respectivamente; *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,* publicada pelo Ministério da Educação; *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental,* editados pela Liga de Higiene Mental; *Idort,* órgão do Instituto de Organização Racional do Trabalho, com sede em São Paulo; *Imprensa Médica,* Rio de Janeiro; *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria,* Rio de Janeiro; *Revista do Centro Psiquiátrico Nacional,* que continua os *Anais da Colônia Gustavo Riedel,* Rio de Janeiro; *Revista do Ensino,* Belo Horizonte; *Revista Senac,* Rio de Janeiro. O Instituto de Psicologia Experimental e Educacional da Universidade Católica de São Paulo edita um boletim, trimestral.

O esfôrço dos trabalhadores da psicologia científica no Brasil exprime-se, enfim, nas atividades de agremiações especializadas, de que duas têm caráter nacional, e outra, regional. São elas: a Sociedade Brasileira de Psicologia, com sede no Instituto de Psicologia, no Rio de Janeiro, e que

tem como presidente, em exercício, Nilton Campos; a Associação Brasileira de Psicotécnica, Rua da Candelária, 6, Rio de Janeiro, sob a presidência de Lourenço Filho; e Sociedade de Psicologia de São Paulo, presidida por Anita Cabral. As duas primeiras estão filiadas às organizações internacionais de que lhes correspondem os títulos. [15]

Em 1953, reuniu-se em Curitiba, Paraná, o I Congresso Brasileiro de Psicologia, sob a presidência do Gabriel Munhoz da Rocha. Para 1955, está anunciada a realização do I Seminário Latino-Americano de Psicotécnica, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

9. Conclusão

A psicologia científica encontra-se hoje, no Brasil, em período de plena afirmação. Vencida a fase heróica, a dos autodidatas, que em alguns campos alcançou mesmo o terceiro decênio dêste século, atinge agora um ciclo de grande expansão de estudos e aplicações, ao mesmo tempo que de coordenação, revisão e crítica dos resultados obtidos. Não mais se mantêm os estudos na estrita dependência do resultado das pesquisas de outros países. Se, em 1923, grandes obras de exposição geral, como o *Traité de psychologie*, de Georges Dumas e colaboradores, citavam um que outro estudo original de autores brasileiros, o *Nouveau traité* dos mesmos autores, publicado dez anos depois, já vem a mencionar uma dezena dêles, o mesmo fazendo outras publicações do gênero, mais recentes. De fato, a partir de 1935 resultados de certas investigações realizadas no Brasil no campo da psicologia são aí referidos como conquistas permanentes; outras têm sido traduzidas, na íntegra ou em resumo, e passaram a circular em idiomas estrangeiros (24, 25, 43, 47, 49, 50, 69, 72), como dantes aliás já vinha acontecendo com resultados de pesquisas no domínio da neurologia e da psicoterapia (16, 25). Uma monografia de psicologia educacional, de autor brasileiro, chega a ter mais de uma dezena de impressões de língua castelhana (49), ao mesmo tempo que vários especialistas do Brasil têm sido chamados a ensinar, temporária ou permanentemente, em universidades de vários países da América Latina.

À luz dêsses fatos, observadores e críticos estrangeiros não têm hesitado em declarar que os esforços dos trabalhadores da psicologia no Brasil já concorrem, de forma ativa, para o adiantamento da ciência universal (5, 11).

Referências bibliográficas

1. ANTIPOFF, Helena. *Relatório do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e do Ensino de Psicologia nessa escola.* Belo Horizonte, 1934, mimeog.

2. ARQUIVOS Brasileiros de Higiene Mental. Órgão da Liga Brasileira de Higiene Mental, Rio de Janeiro, *18* (1): jul. 1947.

[15] Acaba de ser constituída em São Paulo, sob a presidência da Prof.ª Carolina Martuscelli, a Associação Brasileira de Psicólogos, caixa postal, 8105.

3. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, publicados pelo Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas, Índice da matéria publicada, Rio de Janeiro, *4* (1):, dez. 1952.

4. Barreto, Anita Pais & Campos, Alda. Um decênio de atividades no Instituto de Psicologia: In: *Arquivos de Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, 5* (1 e 2): 1935.

5. Beebe-Center, J. C. & McFarland, R. A. Psychology in South America. In: *Psychological Bulletin,* 1941, 38.

6. Boletim da Comissão de Psicotécnica da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária, São Paulo, out. 1940.

7. Botelho, Adauto. Ensino e evolução da psiquiatria. In: *Jornal dos Clínicos,* Rio de Janeiro, (11): jun. 1933.

8. Cabral, Anita de Castilho e Marcondes. A psicologia no Brasil. In: *Psicologia,* n.º 3, Boletim da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1950.

9. Cunha Lopes, I. da. Antecedentes históricos da higiene mental. In: *Revista do Centro Psiquiátrico Nacional,* Rio de Janeiro, *2* (3 e 4): 1947.

10. Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro. *Documentos.* Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1884.

11. Hall, Margaret E. The present status of psychology in South America. *Psychological Bulletin,* (43): 1946.

12. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. O INEP em sete anos de atividade. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 6* (16): out. 1945.

13. López, E. Mira Y. Um ensaio de ortopsiquiatria no Brasil. In: *Arquivos de Neuropsiquiatria,* Rio de Janeiro, *2* (3): set. 1953.

14. Lourenço Filho, M. B. La pensée de Ribot dans la psychologie sud-americaine. In: *Centenário de Th. Ribot et jubilè de la psychologie scientifique française.* Paris, Impr. Moderne, 1939.

15. Machado, *Alcântara.* Nina Rodrigues. In: *Arquivos de Medicina Legal e Identificação* (Volume especialmente dedicado aos Centenários de Portugal). Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1940.

16. Martins, Thales. Os irmãos Osório e a evolução da fisiologia no Brasil: Miguel Osório de Almeida. In: *Arquivos de Medicina Legal e Identificação* (Volume dedicado aos Centenários de Portugal). Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1940.

17. Olinto, Plínio. A psicologia experimental no Brasil. In: *Imprensa Médica,* Rio de Janeiro, *20* (363) : maio 1944.

18. Ribeiro, Leonídio. A criança e o crime. In: *Arquivos de Medicina Legal e Identificação,* Rio de Janeiro. *8* (13): 1938.

19. Roxo, Henrique. História da psiquiatria brasileira. In: *Imprensa Médica,* Rio de Janeiro, *9* (139): mar. 1953.

20. Silveira, Noemi. Da organização do Serviço de Psicologia Aplicada (Relatório). São Paulo, Tip. São Lázaro, 1932.

21. Alves, Isaías. Dados da psicologia da criança. Bahia, 1944.

22. ————. Teste individual da inteligência. Bahia, Graf. A. Luva, 1927.

23. Antipoff, Helena & Colaboradores. Escologia, ensaio de pedagogia escolar experimental. Belo Horizonte, Imp. Oficial de Minas Gerais, 1931. 72 p.

24. ————. & Assunção, Zilda. Contribuition typologique à l'étude de l'ergographie. In: *Archives de Psycologia,* Genèbre, *26* (101, 102): 1937.

25. Austregésilo, Antônio. *A cura dos nervosos.* 1919; *O mal da vida.* 1920; *Educação da alma.* 1921; *As fôrças curativas do espírito.* 1925; *Conselhos práticos aos nervosos.* 1929; *Disciplina espiritual.* 1934 (Tôdas traduzidas em castelhano).

26. Baker, C. A. *O movimento dos testes.* Belo Horizonte, Imp. Oficial do Estado de Minas, 1925. 127 p.

27. BARRETO, Anita Pais. Ensaio de padronagem do teste Columbian; Um teste de inteligência; Revisão pernambucana da Escala Binel-Simon-Terman. In: *Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco,* Recife, *2* (1): abr. 1932; (2): out. 1932; *4* (1): jun. 1934; (2): dez. 1934.

28. BERGE, Frei Damião. A estrutura fundamental do sentimento religioso à luz da Psicologia Experimental. In: *A Ordem,* fev. 1939.

29. BONFIM, Manuel. *Noções de psicologia.* 2. ed., Liv. Alves, 1917. 380 p.

30. ———— & Colaboradores. *O método dos testes.* Rio de Janeiro, 1928. 296 p.

31. BRIQUET, Raul. *Psicologia social.* Rio de Janeiro, Liv. Alves, 1935. 265 p.

32. BRITO, R. de Farias. *A base física do espírito.* Rio de Janeiro, Liv. Alves, 1912. 325 p.

33. CAMPOS, Nilton. *O método fenomenológico na psicologia* (Tese de concurso). Rio de Janeiro, 1945. 94 p.

34. ————. *Psicologia da vida afetiva.* Publ. do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, 1930. 115 p.

35. CANABRAVA, Eurílalo. Contribuição da lógica matemática à mensuração dos fatôres psíquicos. In: *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica,* Rio de Janeiro, *2* (3): 1950.

36. CARVALHO, Felisberto Rodrigues Pereira de. *Tratado de metodologia coordenada.* Liv. Alves, 1888. 218 p.

37. DINIS, Almáquio. *Curso de filosofia.* Liv. Catilina, Bahia, 1912.

38. DOYLE, Iraci. *Introdução à medicina psicológica.* Rio de Janeiro, Liv. da Casa do Estudante, 1952. 400 p.

39. DORIA, A. de Sampaio. *Psicologia.* São Paulo, São Paulo Editôra, 1920.

40. ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO PAULO. *O Laboratório de Psicologia Experimental.* Tip. Siqueira, 1914. 155 p.

41. ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO. *Psicologia e psicotécnica* (Publ. do Laboratório de Psicologia Experimental). São Paulo, Tip. Siqueira, 1925. 168 p.

42. FRANÇA, Leonel Pe. S. J. *A psicologia da fé.* 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937. 311 p.

43. GUTHRIE, E. R. & POWERS, F. F. *Educational psychology.* New York. The Ronald Press.

44. KEMPER, Werner. Problema de anormalidade no desenvolvimento psíquico. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 14*: set. e dez. 1950.

45. KLINEBERG, Otto & Colaboradores. *Psicologia moderna.* Rio de Janeiro, Liv. Agir Editôra, 1953. 460 p.

46. LIMA, Alceu Amoroso. *Idade, sexo e tempo (Três aspectos da psicologia humana).* Rio de Janeiro, Liv. Agir Editôra, 1949. 205 p.

47. LÓPEZ, E. Mira Y. *Psychodiagnostic miokinétique.* Paris, Editoras du Centre de Psychologie Appliquée, 1951.

48. LOURENÇO FILHO, M. B. Estudo da atenção escolar. In: *Revista de Educação,* Escola Normal de Piracicaba, (2): 1921.

49. ————. *Teste A B C para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita.* 4. ed. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1953. 124 p. (Traduzido para o espanhol e o francês).

50. ————. Contribuição experimental ao estudo do hábito. In: *Revista da Sociedade de Biologia,* São Paulo, 1927.

51. MARINHO, Heloísa. *A linguagem na idade pré-escolar.* Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, 1944. 74 p. (Bol, 27).

52. MARTINS, Otávio. Análise factorial dos testes A B C. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,* Rio de Janeiro, *13* (35) : 1949.

53. MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Os testes.* Rio de Janeiro, Liv. Alves, 1924.

54. ————. *O hipnotismo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Editôra Leite Ribeiro, 1926. 344 p.

55. MEDEIROS, Maurício de. *Métodos em psicologia.* (Tese inaugural), Rio de Janeiro, 1907.

56. ————. *Aspectos da psicologia infantil.* Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio, 1952.

57. MORAIS, Raul de & ANDRADE, Eugênia. *Adaptação do inventário de personalidade de Robert G. Bernreuter.* Publ. do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 84 a 87.

58. OLINTO, Plínio. *Psicologia.* Rio de Janeiro, Liv. Guanabara, 1934.

59. PACHECO E SILVA, A. C. *Psiquiatria clínica e forense.* São Paulo, Ed. Nacional, 1940. 584 p.

60. RABELO, Sílvio. *Psicologia do desenho infantil.* São Paulo, Ed. Nacional, 1935.

61. ————. *Psicologia da infância.* 3. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1931.

62. RADECKI, Waclaw. *Tratado de psicologia.* Rio de Janeiro, Imp. Militar, 1928. 447 p.

63. RAMOS, Artur. *A criança problema.* 3. ed., Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1950. 464 p.

64. ————. *Introdução à psicologia social.* 2. ed., Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1952.

65. ROCHA, Celsina Faria & ANDRADE, Bueno de. *Testes: como medir a inteligência dos escolares.* Rio de Janeiro, Erbas de Almeida, 1931. 300 p.

66. RUDOLFER, Noemi S. *Introdução à psicologia educacional.* São Paulo, Ed. Nacional, 1931. 459 p.

67. SIWEK, Pe. Paulo. *Psicologia experimental.* São Paulo, Ed. Anchieta, 1949. 516 p.

68. SOUSA, Cícero Cristiano de. *O método de Rorschach.* São Paulo, Ed. Nacional, 1953. 274 p.

69. TRABALHOS de Psicologia do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas. In: *Anais da Colônia de Psicopatas em Engenho de Dentro,* Rio de Janeiro, 1928. v. 1.

70. UNIVERSIDADE DO BRASIL, Instituto de Psicologia. *Comunicações ao 13.º Congresso Internacional de Psicologia (Estocolmo, Suécia).* Rio de Janeiro, 44. p.

71. WALTHER, Léon, A. *Tecnopsicologia do trabalho industrial.* São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1929.

72. WEIL, Pierre. *L'affective-diagnostique.* Paris, Presses Universitaire, 1952.

73. ————. O afetivo diagnóstico. In: *Revista Senac,* Rio de Janeiro, (2): jan. 1953; tb. In: *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 1* (2): dez. 1949.

INTRODUÇÃO AOS TESTES PSICOLÓGICOS de Ruth Scheeffer — 2.ª edição. Excelente iniciação à aplicação dos testes psicológicos na moderna seleção de pessoal, procura suprir a escassez da literatura especializada em nosso idioma.